

O GATILHO MAIS RÁPIDO DO SUL: ESTEREÓTIPOS NO FILME DJANGO LIVRE – 2012

BEATRIZ LIMA DOS SANTOS¹

CAMILA DA MOTA HEERDT²

FERNANDA DE LARA ROMUALDO DA SILVA³

IZABELA CABRAL GOULART⁴

LUIZA FERREIRA BORGES⁵

MARIA FERNANANDA EING TOREZIN⁶

JEAN RAPHAEL ZIMMERMANN HOULLOU⁷

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o comportamento do personagem principal no filme “Django Livre” (2012) considerando sua proximidade ou afastamento dos estereótipos hollywoodianos. As minorias são afetadas pelos estereótipos de Hollywood, que influenciam na forma como eles se portam e na forma com que a sociedade os enxerga. Ademais, os filmes podem influenciar o inconsciente das pessoas e realizar seus desejos velados, o que pode ser observado em “Django Livre”, onde o protagonista negro busca a vingança por acontecimentos ligados à escravidão, podendo gerar nos espectadores uma sensação de justiça e satisfação, apaziguando o inconsciente destas. Ao analisar o filme pôde-se perceber alguns dos estereótipos negros, porém estes se desconstróem durante a obra.

Palavras-Chave: Estereótipos. Negros. Django Livre. Filmes.

INTRODUÇÃO

O filme “Django Livre” foi criado e dirigido por Quentin Tarantino. De acordo com Dias (2014), Tarantino trabalhava em uma videolocadora enquanto tentava a carreira de ator em Los Angeles. Ele iniciou fazendo pequenas participações em filmes. Ele era fascinado por cinema, foi influenciado pelos mais diversos gêneros, como os de faroestes realizados por diretores italianos na Europa, obras criadas para o público negro e até mesmo filmes de kung fu e samurais. Ao longo de sua carreira atuou em séries americanas e foi responsável pela produção de roteiros que fizeram grande sucesso em Hollywood como “Queima roupa” (1993) e também “Assassinos por Natureza” (1994).

Após o sucesso da sua obra “Cães de Aluguel” (1992), Tarantino foi surpreendendo cada vez mais aos fãs e críticos a cada lançamento, com enredos mais complexos e diálogos inteligentes, contendo violência e linguagem de baixo calão (DIAS, 2014). Entre seus filmes mais populares estão “Pulp Fiction: Tempo 37 de Violência” (1994), que lhe rendeu o Oscar de Melhor Roteiro Original em 1995 e “Django

1 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Estudante do Curso Técnico Integrado em Química, Campus Jaraguá do Sul, purplexbl3@gmail.com

2 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Estudante do Curso Técnico Integrado em Química, Campus Jaraguá do Sul, milaheerdt@gmail.com

3 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Estudante do Curso Técnico Integrado em Química, Campus Jaraguá do Sul, fernandalara456@gmail.com

4 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Estudante do Curso Técnico Integrado em Química, Campus Jaraguá do Sul, izabelacabralgoulart14@gmail.com

5 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Estudante do Curso Técnico Integrado em Química, Campus Jaraguá do Sul, luizaf07@gmail.com

6 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Estudante do Curso Técnico Integrado em Química, Campus Jaraguá do Sul, mfetorezin@gmail.com

7 Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Professor de História, Campus Jaraguá do Sul, jean.rafael@ifsc.edu.br

Livre” (2012), pelo qual voltou a vencer o Oscar de Melhor Roteiro Original em 2013. As críticas às obras de Quentin Tarantino atingem dois extremos: ao mesmo tempo que muitas pessoas admiram assiduamente seu trabalho, suas obras são avaliadas de forma muito negativa por outras pessoas, inclusive acusando abertamente as obras de conterem racismo, como em uma passagem do seriado Cara Gente Branca (2017) em que um dos personagens diz “Só porque deixou Jamie Foxx matar racistas em Django, ele [Quentin Tarantino] acha que pode usar todos os estereótipos de negros existentes”.

Ao dar uma entrevista para Lucas Salgado (2012) antes do lançamento de “Django Livre”, Tarantino afirmou: “Eu sempre quis fazer um faroeste (...) gosto da ideia de me arriscar em gêneros diferentes; um filme de guerra, de gângsteres, um filme de artes marciais e agora, um faroeste”.

Já em entrevista concedida a Pablo Miyazawa da revista “Rolling Stone” em 2013, Tarantino explicou a presença de uma das características consideradas importantes em suas narrativas, a vingança: “(...) é uma das experiências mais cinematográficas e catárticas que podem ser criadas na tela (...) ela provoca uma resposta do público, que é uma maravilhosa compensação de emoções para quem está assistindo. Criar o cenário de uma vingança e daí fazê-la acontecer, de modo que a plateia tenha o choque catártico, é um dos grandes prazeres que você pode dar aos espectadores”. Essas falas apresentam uma inovação do diretor ao apresentar um herói negro para o “mito da fronteira”, além remeterem-se à concepção do aspecto psicanalítico de oniricidade dos filmes.

Em outra ocasião ele comenta em entrevista para André Miranda (2013) do site “O Globo” sobre como iniciou-se a ideia de criar o filme: “Quando eu pensei em fazer um filme sobre escravidão nos EUA, busquei como referência uma situação equivalente. E qual seria a paisagem mais sangrenta que alguém poderia imaginar? Um filme de Sergio Corbucci, claro. Mas não acho que meu “Django” seja simplesmente um filme de vingança como algumas pessoas falam. A vingança é um motor para vários gêneros de dramaturgia, sejam peças de Shakespeare, tragédias, exploitation, artes marciais ou westerns. A vingança serve para muitas finalidades, e há, sim, vingança em “Django Livre”. Mas, sendo bem franco, acho que o filme é menos direcionado para uma história de vingança, e mais para uma história de resgate”. Tal fala dá indícios de que o resgate apontado pelo diretor se refere a uma proposta de valorização da questão dos negros no cinema.

Resumidamente “Django Livre” é ambientado pouco antes da Guerra Civil nos EUA. Django (Jamie Foxx) é um escravo com um passado desumano que se vê diante do alemão Dr. King Schultz (Christoph Waltz), um caçador de recompensas que está atrás de um grupo de criminosos. Django, por conhecê-los, é o único que pode ajudar Schultz em sua missão. Schultz compra Django e promete conceder sua liberdade quando sua caça terminar. Após o sucesso da missão eles decidem não se separar e seguem na procura dos criminosos mais perigosos dos EUA. Django vê tudo isso como um aprendizado que o ajuda a desenvolver suas habilidades físicas e mentais. Dr. King Schultz resolve auxiliar Django no resgate de sua esposa Broomhilda (Kerry Washington), que fora separada dele por causa da venda de escravos. A dupla chega finalmente a Candyland, a fazenda onde vive Broomhilda. Esse encontro desperta desconfianças e desencadeia uma série de situações que necessitam de estratégias divergentes para que consigam resgatar a esposa de Django. O Filme marca uma saga na qual o personagem Django passa por uma transformação na sua relação com a escravidão, sendo que em diferentes momentos passa por diferentes estereótipos do cinema hollywoodiano.

Assim como em todas as obras produzidas no meio cinematográfico, “Django Livre” possui influência de outras obras, são algumas delas: Django (1966); Django Vem Para Matar (1967) e Viva Django (1968). Diversos elementos da obra de 2012 são similares as obras anteriores, todos os filmes possuem em sua composição como elemento fundamental a vingança, porém tal sentimento é apresentado para o telespectador de formas diferentes, como veremos a seguir.

“Django Livre” faz claras referências ao filme “Django” de 1966 e escrito por Sergio Corbucci. Em sua cena de abertura, por exemplo, percebe-se que o letreiro e a música utilizados são iguais para ambas as produções, além do uso constante do close, a fim de dar enfoque ao que o telespectador deve prestar atenção. Os dois filmes possuem conflitos raciais como tema geral, porém em Django

Livre este se dá entre brancos e negros e em Django se dá entre americanos e mexicanos. Isso, num contexto onde Major Jackson (um ex-confederado) faz parte de uma seita religiosa contra mexicanos, os considerando uma raça inferior aos norte-americanos. Este fato é o motivo para a guerra que está sendo travada no vilarejo onde o filme se passa. Django, o personagem principal, cultiva um sentimento de vingança contra Jackson, pois o Major, no passado, havia matado sua amante. Este aspecto está presente também em “Django Livre” e nas demais produções, onde o personagem principal tem o desejo de se vingar contra os vilões do filme (por diferentes motivos), e é aí que se dá a narrativa.

Apesar de tudo, o que mais diferencia “Django” de “Django Livre” é que o personagem Django é representado por um homem branco na produção de 1966, assim como os demais protagonistas. Percebe-se então que Quentin Tarantino quebra diversos padrões ao colocar um homem negro no papel de cowboy, o herói representado pelo mito da fronteira.

A estrela do Norte é aquela ali

A cena de abertura apresenta uma fileira de escravos negros com cicatrizes de chicotadas nas costas. Eles estão acorrentados uns aos outros e sendo puxados por dois homens brancos a cavalo, comerciantes de escravos. Em uma paisagem desértica, eles realizam uma longa caminhada que se estende do dia até a noite num grande silêncio. Em um certo momento os cavalos param sua cavalgada, o que é exibido com um close nas patas dos animais. Esse mesmo close se dirige aos pés de um dos escravos, em seguida aos rostos de dois deles e então aos seus pés novamente, quando um dos escravos quase tropeça ao perder o ritmo da marcha. Tal cena nos remete ao desgaste que os escravos sofriam e que, somado ao silêncio da caminhada, interrompido apenas pelo ruído das correntes que prendem os escravos, se estabelece um diálogo com o estereótipo do negro selvagem e brutal, equiparado a um animal. Segundo Souza (2017), o homem negro é retratado como um perigo permanente, causando medo aos brancos devido ao “seu hipotético instinto animalesco, de sua suposta potência sexual e superioridade em força bruta”; a imagem dos negros brutais é apresentada como algo entre um humano e um monstro, “caracterizados como indivíduos exóticos, irracionais, fetichistas, bárbaros, incivilizados (...)” (SANTOS, 2014, p. 8 apud SOUZA, 2017, p. 11).



Imagem 01: Letreiro de “Django Livre”. Fonte: DJANGO (2012)

Logo após a pausa na caminhada somos apresentados ao motivo desta: a chegada do personagem Dr. Schultz em sua carroça (que contém um compartimento em forma de dente sustentado por uma

mola em sua parte superior - isto porque ele se apresenta como um dentista) que pergunta pelos comerciantes de escravos, de forma polida e confiante, dizendo seu nome e de seu cavalo (Fritz), que faz uma reverência, mostrando-se mais humanizado que os próprios escravos. Schultz então se dirige aos escravos perguntando se algum deles estivera na fazenda “Carrucan”, pois ele precisava de ajuda para reconhecer os antigos feitores de lá, chamados de irmãos Birttle, dando assim a voz que fora negada pelos comerciantes aos negros, ao que Django se manifesta e Schultz vai ao seu encontro. Os demais escravos demonstram receio, porém Django não se intimida e Schultz se dirige a ele como um igual, o que é reprovado pelos comerciantes. O doutor expressa seu desejo de comprar Django, proposta recusada pelos comerciantes, o que leva Schultz a matar um deles agilmente com tiros e conseguir que o outro lhe venda Django, tudo isso mantendo sua postura de certa forma superior ao comportamento dos demais personagens em cena.

Em seguida ele desacorrenta Django, o orienta a pegar as roupas do comerciante morto e sugere aos demais escravos que matem o outro comerciante entregando-lhes uma arma, apesar da suposta ameaça dos negros, e dizendo-lhes para seguirem para o norte, “um lugar mais esclarecido do país”. Ao decorrer de toda a cena fica clara a discrepância entre a Europa, associada ao refinamento da mente e representada por Schultz, e a América, representada pelos escravistas e escravos. Enquanto Schultz apresenta uma postura intelectual e articulada, os escravistas se mostram primitivos. Esse trecho faz referência ao Mito da Fronteira, evidenciando a dualidade entre o mundo civilizado (Europa) e o mundo natural (Sul dos Estados Unidos), “a fronteira era o lugar de encontro entre a barbárie e a civilização” (STADNIKY, 2007, p. 3)

Um negro a cavalo

Django e Schultz chegam na cidade de Daughtrey, sendo que o primeiro está guiando sua carroça e o segundo está montado num cavalo. Tal ato chama a atenção de todos os moradores, já que não estão acostumados em ver um negro em tal posição. Diante disso, lançam olhares de reprovação aos dois, o que deixa Django incomodado, demonstrando que o mesmo ainda não está totalmente acostumado com toda a situação.



Imagem 02: Schultz em sua carroça a esquerda e Django a cavalo na direita. Fonte: DJANGO (2012)

Neste momento somos apresentados ao herói da fronteira: alguém que está dividido entre dois mundos e que é representado pela figura do cowboy. Neste caso, Django está no papel do herói e acaba de sair do “mundo selvagem” para entrar no “mundo civilizado”, deixando de ser um escravo para ajudar Schultz em sua caçada como um homem livre.

A fronteira é um lugar de encontro e colisão de culturas, de mundos distintos e, em geral, incompatíveis. A fronteira é um espaço cultural, é o lugar de encontro entre o eu e o outro. Na realidade, somos a fronteira. É, no fundo, um conflito de identidades que se apresentam irreconciliáveis e sem dúvida, o contágio, a mescla, a mestiçagem, a fusão, são inevitáveis. É uma identidade indefinida e conflitiva que perdeu suas características e, portanto, seu lugar no mundo (STADNIKI, 2007, p. 1).

Da mesma forma em que todos parecem perturbados com a situação, o alemão age despreziosamente, o que leva a acreditar que a forma de pensar do mesmo é muito mais avançada que a da sociedade americana da época já que em sua terra natal não ocorria a escravidão. Então, ambos param em frente a uma taverna. Eles entram e Schultz pede duas cervejas e instrui Django a retirar seu chapéu quando entra em um local fechado. O taberneiro, que até o momento não havia percebido a presença de Django, lhes diz que o estabelecimento só abrirá depois de uma hora. Assim que o homem se vira e vê o ex-escravo, toma um susto e quase cai do banco que usava para limpar um lustre. Ele exige que Schultz “tire o negro dali”⁸ ao passo em que sai correndo em busca do xerife.

Schultz, que previra a reação, age naturalmente, enquanto Django parece um pouco assustado ao mesmo tempo em que observa sem abrir a boca uma só vez, esperando por alguma ordem. Na sequência, o caçador de recompensas pede que Django se sente, e é atendido quase que imediatamente (demonstrando que Django ainda não se desprende da obediência servil). O alemão começa a preparar as cervejas enquanto fala sobre sua atual profissão para depois sentar-se também e ambos começam a beber.

Schultz começa a explicar a função do colega em seu plano, e Django parece um pouco desinteressado. Mas assim que ouve o nome dos irmãos Brittle, se inclina sobre a mesa e passa a escutar Schultz com atenção. Tal reação demonstra o rancor e a sede de vingança que Django guarda dentro de si. Em alguns momentos, o mesmo demonstra dúvida em relação a algumas palavras que Schultz usa. O Doutor, por sua vez, se dispõe a explicar o significado de todas elas tratando Django de igual para igual. Neste momento, o taberneiro volta junto do xerife. Django se coloca de pé e Schultz se acomoda ainda mais na cadeira quando o delegado passa pela porta do estabelecimento, ordenando que ambos fossem para o lado de fora. Friamente, Schultz atira no xerife o fazendo cair morto no chão, ao passo em que Django observa a situação e se mostra bastante desconfortável em presenciar a cena, mas ainda assim, não diz uma palavra.

Em seguida, os dois viajantes voltam para dentro da taverna enquanto os cidadãos de Daughtrey saem em busca do capitão, um homem que ocupa um cargo representativo ainda maior que o do xerife. De volta ao lado de dentro da taverna, Schultz explica como Django deve se portar dali para frente, a fim de proporcionar o sucesso de sua missão. Este, apesar de não estar familiarizado, age como se estivesse lidando com aquilo há muito tempo. Após a chegada do capitão, Schultz começa a negociar com ele ainda dentro da taverna e depois de alguns minutos, os dois viajantes voltam para o lado de fora com as mãos para o alto, em sinal de respeito.

Schultz explica que o xerife na verdade era um criminoso e que, como representante do judiciário, tinha o direito de matá-lo e que agora buscava a sua recompensa. Sua revelação deixa todos os presentes assustados, mas tanto Django quanto Schultz parecem não se abalar com o fato, e dali saem com sua recompensa em mãos (ainda sob os olhares dos moradores).

Na cidade de Daughtrey, Django é introduzido no modos operandi de Schultz e de agora em diante passa a agir como um cowboy, mesmo demonstrando algumas inseguranças em relação a transição

⁸ Neste trecho, o bartender pronuncia a palavra “nigger”, tal palavra não possui tradução para a língua portuguesa e se trata de um termo agressivo e pejorativo (principalmente quando dito por alguém de pele branca). No filme, quando este termo e o termo “nigga” são citados, as legendas do filme traduziam tais palavras como “crioulo” ou “negro”, porém por escolha dos autores, quando tal expressão for citada nas falas das cenas ou aparecerem como citações no texto, usaremos “negro” para traduzi-las.

rápida entre sua antiga e sua nova vida. Em alguns momentos se mostra subordinado aos homens brancos ali presentes, por ainda não estar totalmente desligado ao estereótipo do negro servil. Apesar disso, o personagem faz um grande esforço para não demonstrar suas inseguranças e age de forma bastante ousada.

Façam suas próprias máscaras

Sr. Bennett, o dono da fazenda onde os irmãos Brittle foram mortos, aparece junto com dois outros homens observando de longe a carroça do Dr. Schultz. Logo em seguida aparecem outros homens montados a cavalo carregando tochas e usando capuzes brancos, cavalgando em direção a carroça, e depois de eles a cercarem ocorre um flashback explicando a cena. Ele começa com o Sr. Bennett dando ordens para não atirarem no Dr. Schultz e em Django, pois ele queria “açoitar o baba ovo de negro até morrer”, e outro diz que vai castrar pessoalmente o “macaco”. Após essa fala os líderes do motim colocam seus capuzes e se inicia uma cena cômica, na qual os presentes começam a reclamar da qualidade das máscaras, feitas pela esposa do Willa, pois não conseguiam enxergar nada. Discutiram também sobre o trabalho que ela teve para fazê-las e se era realmente necessário usá-las para cavalgar, ouvindo isso Sr. Bennett diz que se não usarem “perde todo o sentido”. Após toda essa discussão Willard fica irritado e se retira. Sr. Bennett os lembra então do real motivo de estarem ali, o de fazer o “negro assassino de exemplo”. Alguém se pronuncia dizendo que deveriam ir sem o saco dessa vez e na próxima fazer sacos melhores e assim irem todos paramentados, mas o Sr. Bennett decide que todos vão usá-los.



Imagem 03: Cena remetendo à Klu Klux Klan. Fonte: DJANGO (2012)

Nota se que o filme, busca introduzir elementos associados a Ku Klux Klan, sem citar a organização em si, porque apesar de os produtores e o público terem consciência da existência da KKK, o filme se passa em 1858, dois anos antes do início da guerra civil e seis anos antes do início dela, em 24 de dezembro de 1865, na cidade de Pulaski, no norte do Tennessee (SIGNIER; THOMAZO, 2011, p. 200). Os produtores buscaram fazer essa referência de forma cômica, ao criar uma discussão sobre o formato e viabilidade das máscaras. Os personagens, em si fizeram várias referências implícitas, já que não deveriam saber da organização, como quando o Sr. Bennett é perguntado se é realmente necessário a utilização delas e ele responde que se não usassem perderia “todo o sentido”, e mais para o final da discussão um dos presentes apresenta uma solução dizendo que, na próxima vez eles fariam máscaras

melhores, fazendo uma alusão a qualidade das máscaras da KKK em comparação com os sacos que eles estavam usando.

Após decidirem pela utilização dos sacos a cena é cortada e retorna para o momento antes do flashback, quando eles estavam cercando a carroça, Dr. Schultz então atira no dente em cima da carroça que estava cheio de dinamite dizendo “Auf wiedersehen” (adeus em alemão) matando alguns e fazendo com que os que restaram fugissem. Ao ver que o Sr. Bennett havia sobrevivido Schultz se prepara para atirar nele, mas pensa melhor e entrega a arma a Django perguntando se ele gostaria de ter a honra. Ao ver a demora de Django em atirar, Schultz começa a ficar preocupado, mas Django o tranquiliza. Quando Bennett estava quase saindo do campo de visão dos dois Django atira. Na cena é possível ouvir o barulho do tiro mas não ele atingindo o Sr. Bennett, pois o foco estava nas pernas do cavalo, sendo possível assim ver ele caindo ao ser atingido e seu cavalo galopando coberto de sangue, tudo em câmera lenta.

Ao associar os homens buscando vingança contra Schultz e Django, à Ku Klux Klan e explodi-los logo em seguida, Tarantino busca “saciar”, de certa forma, o desejo de vingança do público contra uma organização que foi responsável pela morte de negros, imigrantes e pessoas que buscavam defender os direitos desses.

Matar brancos e ainda ser pago? Como não gostar?

No decorrer da cena, somos introduzidos ao mundo alemão de Schultz, assim como apresentados à lenda de Brunhilde.

Brunhilde era uma princesa, ela era filha de Wotan, deus de todos os deuses, o pai dela estava furioso com ela, desobedeceu-o de alguma forma. Então, ele a pôs no topo da montanha e pôs um dragão que cospe fogo guardando a montanha. E ele a cercou com um círculo de fogo e lá Brunhilde permanecerá...Até que apareça um herói corajoso para salvá-la. [...] O herói se chama Siegfried, ele salvou Brunhilde de uma forma espetacular. Ele escala a montanha por que não tem medo dela, ele mata o dragão por que não tem medo dele e atravessa o anel de fogo por que Brunhilde vale a pena (DJANGO, 2012).

Observando a lenda de Brunhilde de acordo com Schultz, podemos montar um paralelo com a história do próprio Django, onde Brunhilde assim como em sua história alemã, precisa da ajuda de um “herói corajoso”. O personagem Wotan, deus de todos os deuses, mencionado na estória pode ser percebido na história da noiva de Django como sendo seus donos, e assim como na história, se esta desobedecer às ordens de seu superior sofrerá punições. A Brunhilde fictícia é presa no alto de uma montanha, já a real, presente no mundo de Django, é punida por seus mestres de diversas formas e assim como na estória Brunhilde possuirá um herói para salvá-la, neste caso, Django. Esse paralelo entre os heróis é apresentado no filme através da seguinte fala de Schultz: “(...) Além disso quando um alemão conhece um Siegfried da vida real, é significativo (...)” (Schultz).



*Imagem 04: Django (esquerda) e Schultz (direita) conversando sobre a lenda de Brunhilde.
Fonte: DJANGO (2012)*

Após a apresentação da lenda de Brunhilde, Schultz propõe a Django que eles trabalhem juntos como caçadores de recompensas para conseguirem dinheiro para a liberdade de Brunhilde (Django se interessa pois poderia matar brancos e ainda ser pago por isso, e além disso, conseguiria resgatar sua esposa. Django questiona Schultz a respeito do interesse do mesmo em encontrar Brunhilde e ajudá-lo a resgatá-la, neste ponto do filme em específico, podemos relacionar a fala de Schultz com a questão do eurocentrismo o qual, coloca Europa como centro do mundo, onde Schultz diz: “[...] Como alemão, me sinto obrigado a ajudá-lo a resgatar sua Brunhilde”.

A partir daí ambos vão juntos realizar os trabalhos de caçador de recompensas. Num trabalho específico, no qual Django não quer atirar no alvo, Schultz o pressiona. Esse momento pode ser notado como uma transformação do personagem ou mesmo uma simples mudança da visão de Django acerca da sua concepção sobre Schultz e sobre si mesmo, assim como o quão ruim pode ser demonstrar os sentimentos em momentos de necessidade, isso servirá para Django, futuramente, quando o mesmo deixa de transparecer seus sentimentos na fazenda Candyland.



*Imagem 05: Schultz e Django executando o trabalho de caçadores de recompensa.
Fonte:<http://2.bp.blogspot.com/-kCY4dNxQb4w/UiyMQlOxIRI/AAAAAAAASIQ/BxqgdYR9rJw/s1600/django10.jpg>*

Depois dessa transformação, Django inicia seu treinamento de tiro com Schultz durante o inverno. A cena mostra Django montando um boneco de neve para praticar a precisão e mira de seus tiros, acertando todos os alvos que havia colocado no boneco. A cena seguinte mostra Django e Schultz

matando todo o bando de Wilson-Lowe e levando-os para uma espécie de delegacia, para receber suas últimas recompensas de caçadores. Através desse treinamento, pode-se observar uma forma de superioridade do Schultz pelo fato do mesmo ser um mentor, representando assim, a Europa civilizada e o Django caracterizando os Estados Unidos escravocrata, um mundo selvagem que precisa ser domado. Depois de receberem a recompensa pelo bando de Wilson-Lowe, Django e Schultz se dirigem para o Mississippi.

Imagem 06: Django em seu treinamento de tiro caracterizado como um cowboy.
Fonte: <https://static.independent.co.uk/s3fs-public/thumbnails/image/2012/12/25/19/pg-30-tarantino-weinstein.jpg>



O “D” é mudo

No Mississippi, eles descobrem o paradeiro de Brunhilde, uma fazenda chamada Candyland. Para resgatá-la, eles resolvem se passar por compradores de escravos, mais especificamente de “mandingos”, já que Calvin Candie, dono de Candyland, é um grande entusiasta da prática. No caso, Django seria uma espécie de especialista em mandingos, que aconselharia Schultz na compra. Mandingos são os negros coagidos a lutar até a morte para o divertimento e lucro de seus senhores, sendo essa prática comparável às “brigas de galo”, ocorrendo novamente a animalização dos negros. “Mais uma vez o homem negro é retratado como um animal para assegurar ideias de que ele tem habilidades sobre humanas” (WEAVER JR., 2016, p.60).

Sendo assim, eles vão ao encontro de Candie e são recebidos pelo seu advogado, que os instrui a chamá-lo de monsieur Candie, porque Candie seria um “francófilo” e Schultz diz que todas as pessoas cultas admiram os franceses, outra vez destacando a superioridade europeia em relação aos americanos. Entretanto, quando Schultz começa a falar em francês é dissuadido da ideia, porque segundo o advogado, Candie não dominava a linguagem. A francofilia seria, então, apenas um questão de status.

Finalmente são introduzidos em um cômodo, onde Candie e outros senhores estão assistindo a uma luta. Schultz é convidado a se juntar a eles, enquanto Django é convidado a ir ao bar, enquanto um dos convidados, de chapéu, o encara com desprezo, e Django resmunga que até ele mesmo sabe que não se usa chapéu em recintos fechados, regra de etiqueta que teria aprendido com Schultz.

A luta entre os mandingos é extremamente brutal. Todos os movimentos são retratados com ênfase, sem poupar sangue, suor e sons de ossos quebrando, gritos e gemidos de dor, enquanto os brancos torcem assiduamente. Um dos negros tem seus olhos arrancados e os outros escravos do recinto demonstram algum abalo, enquanto Django mantém seu papel imperturbável. O escravo de Candie, que está vencendo a luta, recebe um martelo para finalizar o oponente, e assim o faz.



Imagem 07: Luta de Mandingos. Fonte: <<http://blogcinemaemprosa.blogspot.com.br/2015/08/>>

O dono do mandingo morto se dirige ao bar e senta ao lado de Django, com desconfiança, perguntando seu nome. Django lhe responde e o escravista solicita que ele soletra. Django soletra e acrescenta que o “D” de seu nome é mudo. O outro se vira e com um ar quase misterioso diz “Eu sei”, terminando sua bebida e indo embora logo em seguida.

O mandingo vencedor, por sua vez, é recompensado por Candie com “um quarto com uma cama macia e uma negrinha para chupar ele” e uma cerveja para manter sua obediência. No final da cena, há uma conversa entre Candie, Schultz e Django sobre o negócio que envolve os mandingos, na qual Django se mostra destemido e petulante e é reconhecido como cowboy por Candie em resposta a esse comportamento.

Os mandingos são retratados como brutais, mas ao mesmo tempo têm uma relação servil com Sr. Candie, o que nos leva associá-los aos estereótipos tanto de “negro brutal” (de forma um pouco mais acentuada) quanto de “empregado servil”. “Mandingo” já é por si só um estereótipo relacionado à faceta hipersexualizada do negro brutal. Nos filmes hollywoodianos, o termo é geralmente usado como uma classificação de escravos fortes e brutais sem relação com o estereótipo servil ou com lutas de apostas. Esse uso diferenciado por Tarantino demonstra seu propósito de subverter estereótipos pré-estabelecidos.

O estereótipo do mandingo é baseado na retórica usada durante a escravidão afirmando que homens negros eram primitivos e hipersexuais. A retórica que caracterizou homens negros como brutos foi usada até mesmo depois da emancipação dos escravos para separar ainda mais os negros dos brancos, e desencorajar relacionamentos inter-raciais. (WEAVER JR., 2016, p.59).

Normalmente, segundo Bogle (2016) apud Kocić (2017), este estereótipo está relacionado a negros que desrespeitam a autoridade dos brancos, o que não acontece com os mandingos de “Django Livre”, justamente por causa da submissão que apresentam aos seus senhores.

Auf wiedersehen

Nesta cena, observa-se Django negociando com os mercadores de escravos para que o soltem, depois de o plano em Candyland ter desandado. Ele utiliza os mesmos truques que Schultz usou na cidade de Daughtrey para convencê-los a soltá-lo, mostrando o panfleto da recompensa do bando de Bacall. Os mercadores não ficam muito convencidos de que Django está falando a verdade e para certificar-se disso, pedem aos outros negros, que estavam presos, se Django realmente era um homem

livre que chegou a Candyland montado em um cavalo e acompanhado de um branco. Depois destes terem confirmado o que Django dissera, os mercadores veem ali uma oportunidade de ganhar dinheiro e concordam com o “trato” que o ex-escravo propôs: de soltá-lo, dar a ele um cavalo e \$500,00 do valor que seria recebido da recompensa. Eles oferecem a Django um cavalo, mas o mesmo recusa, dizendo: “eu não vou montar num cavalo com dinamites”; Prontamente, os mesmos se põem a retirar as dinamites e dar-lhe uma arma.

Assim que Django recebe a arma, ele mata todos os mercadores e explode o homem que estava transportando as dinamites, interpretado pelo próprio Quentin Tarantino. Esse momento do filme pode ser interpretado como o instante em que Django perde suas “correntes”, se tornando de fato unchained e se desprendendo totalmente de seu lado submisso, explodindo inclusive, figurativamente, o diretor do filme. O momento se torna ainda mais relevante quando Django surge em meio a fumaça da explosão, remetendo ao cowboy no mito da fronteira, o qual é relacionado à uma figura heróica, e deixando os escravos que estavam presos boquiabertos. Após esse acontecimento, Django cavalga rumo a sua vingança deixando para trás os presos. Na cena seguinte, dá-se um foco no rosto de um dos cativos, que está sorrindo, esse ato pode ser interpretado como um sentimento coletivo de vingança perante aos brancos da época.



Até chegar ao encontro de Brunhilde, Django passa por alguns lugares. Um deles é uma pequena casa onde encontram-se alguns capangas da fazenda Candyland, onde o caçador de recompensas assassina todos os presentes. O último lugar pelo qual Django passa antes de se encontrar com sua amada é onde está o corpo falecido de Schultz. Assim que adentra, Django pega seu fiel chapéu. Durante todo este tempo, o caçador de recompensas mantém seu olhar fixo no corpo de seu amigo. Assim que coloca seu chapéu, Django vai até o mesmo, toca seus cabelos e dita as palavras: “Auf wiedersehen”, o que denota, além de seu significado, que o negro livre, mesmo que pouco, aprendeu certas palavras na língua nativa de Schultz (alemão).

A cena que se segue mostra Brunhilde com receio do que iria acontecer consigo mesma ali onde se encontrava, e assim que escuta o ranger da porta se abrindo, se encolhe ainda mais na cama pensando que era algum dos homens que a mantinham presa. Antes de ter a identidade revelada para Brunhilde, Django a observa da porta e é possível enxergar a sua sombra: este se encontra como um completo cowboy, destacando a forma do chapéu. Nesta cena pode ser realizado um paralelo entre este acontecimento e a lenda de Brunhilde, que conta a estória de uma princesa que está presa em um castelo e é salva por um herói, e neste caso Django incorpora completamente o papel do herói presente na lenda ao realizar o ato de salvar sua amada.

Imagem 09: Sombra de Django como um cowboy na parede e Brunhilde deitada na cama. Fonte: DJANGO (2012).



Após o encontro de Django com Brunhilde, pode-se ver alguns capangas de Candie, sua irmã, Stephen e mais duas criadas voltando para a sua casa. Stephen começa a cantar uma música e, assim que entram na mesma, escutam a voz de Django, que está no andar de cima e completa a canção. No momento em que os capangas o veem, sacam suas armas prontos para matar Django, porém o gatilho mais rápido do Sul não possui este título a toa, e antes mesmo dos capangas da fazenda pensarem em apertar o gatilho de suas armas, estes já estão no chão. Um dos capangas leva um tiro certeiro de Django e falece na mesma hora, enquanto o outro, começa a agonizar, ao passo em que o homem livre observa seu sofrimento. Após algumas trocas de palavras com o sujeito, o mesmo grita o nome de Django, enfatizando a letra “D” (a pronúncia soou como “Dejango”), e alguns instantes antes do caçador de recompensas assassinar o indivíduo em questão, Django fala: “O “D” é mudo, caipira”.

Depois de matar os dois capangas, Django fala: “todos os negros, podem sair”. Neste trecho, observa-se Stephen tentando escapar do local, porém Django o impede de ir embora dizendo que ele pertence aquele lugar, ao mesmo tempo em que atira em um de seus joelhos. O ex-escravo completa lembrando que Stephen já havia visto negros morrendo de todas as formas e nunca fez nada e que Candie estava certo, Django era mesmo 1 entre 10.000 negros. Enquanto Stephen pragueja todos os tipos de palavras contra Django, o mesmo simplesmente atira em seu outro joelho e o deixa ali, acendendo o pavio que acionaria as dinamites, a fim de explodir a mansão. Neste trecho, é possível observar o quanto Stephen permanece submisso à Candie, até mesmo em seus últimos segundos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim que se retira da casa grande, Django coloca um óculos, Brunhilde observa toda aquela cena contente, e assim que as dinamites estão prestes a explodir e destruir a casa, Brunhilde coloca seus dedos em seus ouvidos e então tudo vai abaixo, e a mesma começa a aplaudir o “espetáculo” provocado por seu marido.

*Imagem 10: Django observando a destruição da casa de Candie.
Fonte: <Fonte:<https://cdn3.whatculture.com/images/2014/10/django-unchained-jamie-foxx.jpg>>*



Imagem 11: Django na frente dos destroços da casa de Candie.
Fonte: DJANGO (2012)



Django então monta em seu cavalo, e este dá um pequeno show, remetendo ao cavalo de Schultz, Fritz, que sempre abaixava sua cabeça em forma de cumprimento. Após isso, Brunhilde e Django vão em direção a seu futuro incerto. A última cena do filme mostra um flashback de seu “treinamento” com Schultz, onde o alemão diz: “sabe como vai ser chamado? O gatilho mais rápido do Sul”. E então o filme termina, com os leiteiros aparecendo na tela enquanto ao fundo a casa grande queima, simbolizando que a vingança de Django havia se concretizado e havia se tornado, com certeza, Django Unchained. Django acaba como cowboy, um herói de dois mundos. Um deles é seu lado americano, acostumado com a escravidão e a barbárie. O outro, vindo de Schultz, se refere ao fim da escravidão, o que já ocorreu em partes mais “civilizadas” do mundo.

REFERÊNCIAS

BOGLE, Donald. **Toms, Coons, Mulattoes, Mammies & Bucks: an interpretive history of blacks in American films**. 4 ed. Local: Bloomsbury Academic, 2001.

BOMENY, Helena [et al.] (coordenação). *Tempos modernos, tempos de sociologia: ensino médio: volume único*. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

CARA gente branca. **Criação**: Justin Simien. Estados Unidos da América: seriado da Netflix, 2017.

DIAS, Arethusa Silvestri. **Django livre**: a dissonância temporal na construção do personagem-título. 2014. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo) - Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DJANGO. Direção: Sergio Corbucci. Produção: Manolo Bolognini e Sergio Corbucci. Itália: 1966. YouTube. (1h 27min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TdVf-gyN_6Y> Acesso em: 14 nov. 2017.

DJANGO livre. Direção: Quentin Tarantino. Estados Unidos da América: SONY PICTURES, 2012 (2h 44min).

DJANGO vem para matar. Direção: Giulio Questi. Itália: Gia Società Cinematografica, 1967. DVD. (1h 57min).

KOCIĆ, Ana. From the violent “Black Buck” stereotype to the “Black Hero”: representations of African Americans and black masculinity in american cinema. **Linguistics and Literature**, Sérvia, v. 15, n. 1, p. 85-96, 2017.

MIRANDA, André. O Globo. **Tarantino fala sobre humor, polêmica e violência em ‘Django Livre’**. Concedida em: 16 jan. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/tarantino-fala-de-humor-polemica-violencia-em-django-livre-7313321>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

MIYAZAWA, Pablo. **Rolling Stone. Adorável transgressor**. Concedida em: jan. 2013. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-76/adoravel-transgressor?page=3#imagem0>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

SALGADO, Lucas. **Adorocinema**. Quentin Tarantino fala sobre Django Livre em entrevista exclusiva. Concedida em: 21 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-102031/>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. **Sociedades Secretas**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse, 2011.

SOUZA, H. R. C. **King Kong(o rei do congo): representações e estereótipos sobre os homens negros**. In: VI Colóquio Internacional sobre Homens e Masculinidades., 2017, Recife/PE. Anais do VI Colóquio Internacional sobre Homens e Masculinidades., 2017

STADNIKY, Hilda Pívaro. **Fronteira e mito: Turner e o agrarismo americano**. Geografia Econômica, 2007, n. 7. Disponível em: <www.cyta.com.ar/suplementos/gecon.htm>. Acesso em: 07 nov. 2017.

VIVA Django. Direção: Ferdinando Baldi. Itália: B.R.C. Produzione S.r.l., 1968. DVD. (1h 29min)

RTC
REVISTA
TÉCNICO
CIENTÍFICA
DO IFSC



INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina